

Liminaridade no processo de reconciliação de Cabo Verde em Eva de Germano Almeida

Rutgers University has made this article freely available. Please share how this access benefits you.
Your story matters. [\[https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/59590/story/\]](https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/59590/story/)

This work is the **VERSION OF RECORD (VoR)**

This is the fixed version of an article made available by an organization that acts as a publisher by formally and exclusively declaring the article "published". If it is an "early release" article (formally identified as being published even before the compilation of a volume issue and assignment of associated metadata), it is citable via some permanent identifier(s), and final copy-editing, proof corrections, layout, and typesetting have been applied.

Citation to Publisher Grevan De Carvalho, Isadora. (2013). Liminaridade no processo de reconciliação de Cabo Verde em Eva de Germano Almeida. *Afro-Hispanic Review* 32(1), 45-54. <https://www.jstor.org/stable/23617255>.

Citation to this Version: Grevan De Carvalho, Isadora. (2013). Liminaridade no processo de reconciliação de Cabo Verde em Eva de Germano Almeida. *Afro-Hispanic Review* 32(1), 45-54. Retrieved from [doi:10.7282/t3-ct6z-gt83](https://doi.org/10.7282/t3-ct6z-gt83).

Terms of Use: Copyright for scholarly resources published in RUcore is retained by the copyright holder. By virtue of its appearance in this open access medium, you are free to use this resource, with proper attribution, in educational and other non-commercial settings. Other uses, such as reproduction or republication, may require the permission of the copyright holder.

Article begins on next page

Liminaridade no Processo de Reconciliação de Cabo Verde em *Eva* de Germano Almeida

ISADORA GREVAN DE CARVALHO
BROWN UNIVERSITY

A colonização de Cabo Verde ocorreu em um arquipélago de ilhas antes inabitado.¹ A miscigenação entre ex-escravos africanos de diferentes localizações na África e Portugueses predominou, tornando-se ainda mais difícil tentar essencializar a identidade dos cidadãos deste país, no esforço de reconstrução de uma identidade tipicamente cabo-verdiana após sua independência em 1975. Dessa forma, a hibridez como exemplo de qualidades luso-tropicais associadas às ex-colônias portuguesas pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre torna-se um possível e perigoso emblema desta nova nação independente.

Em *Integração Portuguesa nos Trópicos*, Freyre expande o conceito de miscibilidade do português já explorado em seu livro sobre o Brasil *Casa-grande e Senzala*, para grande parte do mundo lusófono (Portugal, Brasil, África e Índia portuguesa, Madeira, os Açores e Cabo Verde), na tentativa de teorizar uma “unidade de sentimento e cultura” (23). O conceito de luso-tropicalismo ou “civilização luso-tropical” seria usado pelo governo de Salazar durante o Estado Novo português (1933–74), para criar uma imagem positiva da colonização portuguesa para o mundo. Neste mesmo livro, ele afirma que os portugueses, “antes de procurarem transformar os trópicos, eles próprios se vêm transformando em luso-tropicais, por assim dizer, de corpo e alma, isto é de cultura no seu mais amplo sentido antropológico e sociológico” (24).

O romance *Eva* (2006) de Germano Almeida explora um possível espaço da identidade nacional cabo-verdiana e individual além-nação ao destruir binários, criando uma narrativa liminar com elementos de historiografia pós-moderna; vozes dissonantes, tempo e espaço, ficção e história, masculino e feminino são problematizados numa escrita que *a priori* aparenta ser uma busca de algum tipo de reconciliação de indivíduos que resolveram sair do país após a independência. Segundo Linda Hutcheon em *Poetics of Postmodernism*, “postmodern fiction suggests that to re-write or to re-present the past in fiction and in history is, in both cases, to open it up to the present, to prevent it from being conclusive and teleological” (110). Igualmente, esta busca não-conclusiva se delinea no livro não só como uma vertente de busca de uma identidade nacional, mas também individual no período pós-independência cabo-verdiana.

De fato, para Kalua, a identidade africana não pode ser vista como um conceito homogêneo no sentido de abarcar todas as culturas africanas em uma, nem dicotômico em relação ao ocidente. O que a maioria destes países tem em comum é o estado de liminaridade que “represents a phase in the life of a subject—an individual, a community, or a nation—which belies any attempts at settled assumptions about its identity because of inherent contradictions and instabilities that often come to haunt the subject” (24).

Nesse sentido, através da estrutura pós-moderna, o romance destrói gradualmente conceitos essencialistas sobre ex-colônia portuguesas, problematizando ainda mais uma construção de identidade cabo-verdiana após sua independência. As múltiplas vozes e pontos de vista escritos através da narrativa de um só personagem, que por sua vez é direcionada pelo autor implícito, complica nosso desejo de direção e clareza. Muitas vezes o pensamento de um personagem se mistura a uma fala de um diálogo, sem fronteiras gramaticais tradicionais, como um ponto, vírgula ou aspas. Além disso, as ideologias, segredos e pensamentos se mesclam e se confundem assim como as noções estanques de nação, história, colonizador e colonizados. Para problematizar a noção de história, Reinaldo usa a narrativa em primeira pessoa, não-linear, em que ficção e história parecem se mesclar de maneira imperceptível. Nunca sabemos quando uma começa e a outra termina. Temos também um livro sendo escrito dentro de um outro livro, o que problematiza a questão de autoria e ponto de vista. Enfim, vemos todos os personagens através de um autor falho, pois nunca se diz como autoridade, mas como uma voz pessoal, emotiva e engajada e que algumas vezes assume mentir.

Assim, a estrutura da narrativa pós-moderna em si quebra as barreiras preconcebidas dos indivíduos e do país neste processo liminar em que se encontram tanto o país Cabo Verde algumas décadas após a independência, como Reinaldo, o personagem principal, no seu processo de escrita do livro dentro do livro. Tanto a estrutura como os fatos históricos e fictícios se entrelaçam e se complementam como meio de desvencilhar os mecanismos de construção cultural e política da nova nação, contribuindo para a quebra da versão essencialista luso-tropical. Esta crítica ao luso-tropicalismo se dá abertamente através de comentários de Reinaldo sobre o Brasil, principalmente no que concerne a aparência de um paraíso das raças, “uma aparência e um discurso de igualdade que afinal das contas o tornava mais humilhante e cruel que o apartheid sul africano” (17). Gradualmente esta noção de paraíso se estabelece na ligação de Eva com a figura bíblica e a colônia como paraíso na terra, mas somente na aparência e da perspectiva do colonizador. De fato, é através da personagem Eva e sua desconstrução que esta crítica vai se delinear mais sutilmente. Para complementar, a tríade é usada como estrutura representativa da complexidade de definições

identitárias e liminares de Cabo Verde pós-independência através da tríade de Reinaldo, Eva e Luís Henriques.

Apesar da não-linearidade do enredo, cheio de digressões e adição de fatos dispersos, Eva se mantém como figura central e direta, mesmo que misteriosa. Sua história é narrada desde sua juventude, do momento que conhece Luís Henriques e se engaja em movimentos sociais (mais pela “farrá” do que por ideologia), ao momento quando chega em Cabo Verde, seguindo-se do casamento com Zé Manuel, sua subsequente ligação com Reinaldo que se torna amante e amigo, até o reencontro com Luís no final do romance, trinta anos depois da sua separação. Ao contrário da procura identitária da nação, que se torna mais e mais turva, Eva se torna mais e mais transparente no decorrer do romance.

A situação pós-colonial de Cabo Verde e de indivíduos ligados a esse país, suas ligações com Portugal e o mundo entram em embate com a procura de reconciliação cultural e política. Reconciliação alude ao fator de que mais cabo-verdianos vivem fora do país do que dentro. Batalha afirma que “[a]s for the total size of the diaspora, it is probably correct to say that the number of people of Cape Verdean origin outside Cape Verde outnumber the roughly 500,000 residents on the islands” (12). Assim, Reinaldo parece primeiramente estar numa busca, para através de uma das narrativas do livro (tanto o livro que ele está escrevendo como o livro que estamos lendo), reconciliar os elementos e aspectos da sociedade cabo-verdiana e de Eva pós-independência (ambas se mantiveram desfiguradas e não abordadas). No entanto, o processo de construção do livro *Eva*, funciona mais como um processo de desconstrução e problematização do que fusão de aspectos que poderiam dar uma esperança para construção de uma possível imagem de identidade nacional.

Os personagens mais explorados no romance são de exilados, pessoas que não são de Cabo Verde ou eventos passados em um passado próximo ou distante, mas narrados em Portugal (fora de Cabo Verde) durante um suposto “presente” da narrativa. No entanto, Reinaldo afirma que “quase por instinto comecei a achar que conheceria melhor o meu país e o meu povo a partir da sua comparação com outras realidades e outras gentes” (16), comprovando que apesar de estar fora dos limites geográficos do país, ainda assim ele está numa busca de entendimento do seu próprio país, que nunca pode ser totalmente conquistada. Paradoxalmente, mesmo estando longe de Eva, Reinaldo pode, através do texto, reconstituí-la, reinventá-la e finalmente entendê-la.

Portanto, dentro do paradigma construído no romance, em que as barreiras que separam binários são destruídas, os múltiplos pontos de vista não necessariamente excluem a ideia de uma procura identitária. No entanto, na narrativa predominam referências culturais e literárias da cultura europeia. Dentro deste paradigma, fica claro que quem possui o poder de recontar e criar a história desta nação, a impõe

através da violência colonial na imposição do saber. Almeida, por sua vez, subverte a noção de uma verdade fundamental e única na narrativa para ir contra a violência colonial de contar. Assim, ele entrelaça história e ficção na medida em que o leitor não pode tomar qualquer um dos fatos do romance como dado. A história torna-se evasiva e cabe ao leitor tentar continuamente decifrar a realidade ficcional.

Através de diálogos entre Reinaldo e Luís, é revelado que Eva participa de protestos contra o colonialismo para seguir seus próprios desejos narcisistas. Participa, por exemplo, coincidentemente da Revolução dos Cravos em vinte cinco de abril de 1974 quando se depara com as manifestações pelas ruas, além de pregar ideologias esquerdistas em voga. Esta Revolução derruba a ditadura fascista salazarista em Portugal, e é liderada, em parte, pelos militares que participaram das guerras coloniais na África. No entanto, Eva parece participar de protestos e seguir ideologias como se estes fossem apenas objetos de consumo, ideologias facilmente descartáveis. De fato, Eva se contradiz ao afirmar se mudar para Cabo Verde com o intuito de contribuir para o desenvolvimento do país, quando seu verdadeiro intuito é lucrar com a vulnerabilidade dos moradores.

Reinaldo descreve bem a possível contradição das ideologias de Eva ao contar um de seus primeiros encontros com a mesma e afirmar que era uma “piada” vê-la chegar a Cabo Verde como comunista e “tê-la agora como grande empresária de móveis de luxo e objetos de decoração para a emergente e por isso mesmo frenética alta burguesia nacional” (37) ao contribuir para a desigualdade do país, enriquecendo àqueles associados a Portugal e mantendo o status de colônia.

As ideologias do próprio Reinaldo (narrador) espelhadas na sua relação com Eva, fazem ele não se dar conta de quanto o mito o toma por completo, apesar de estar também ciente da sua posição contraditória na sociedade burguesa. Em um primeiro nível, ele transforma Eva em uma figura amada, desejada, quase mitológica e hiper-sexualizada que é capaz de ter relações sexuais com pessoas de várias raças sem a menor percepção de diferença ou racismo. Através dela, há então um desmascaramento sutil e gradual do ideal de luso-tropicalismo que envolve a formação da nação cabo-verdiana, problematizando ainda mais a identidade da nova nação.

De fato, as características superficiais de Eva como representante da colonização portuguesa espelham a interpretação freyriana. Esta alega que a colonização portuguesa se desenvolveu diferentemente da inglesa, pois os portugueses se mesclaram com os escravos sem possuir os mesmos preconceitos ou atitudes mais rígidas dos ingleses nas relações sexuais e sociais com os escravos. Em *Integração Portuguesa nos Trópicos*, Freyre afirma que a “superção da condição étnica pela cultural caracteriza a civilização luso-tropical” (23). Seguindo esta linha de pensamento, a miscigenação lusófona nos trópicos também se caracteriza por uma

fusão das muitas culturas incluindo a dos escravos, pois os portugueses não reprimiram a cultura de origem africana tão rigidamente quanto os ingleses. Os críticos desta visão freyriana (aqui muito simplificada) apontam que ela encobre uma realidade de racismo e rigidez muito mais enraizada e mascarada, pois previne a tomada de consciência que torna possível a mudança de paradigma do colonizado. Apesar de o próprio Freyre não ter concluído que Cabo Verde teria características luso-tropicais como ele as via no Brasil, Cabo Verde, após independência, serve como emblema destes aspectos pelos proponentes da construção da nova nação.

No entanto, a personagem Eva, figura que parece muitas vezes fruto da imaginação do personagem principal, passa por um processo de transformação ao longo da narrativa, o que a desmistifica e a expõe a todas as suas crueldades, expondo também o paraíso luso-tropical como uma farsa. Podemos equiparar este processo a uma espécie de desmistificação da realidade neo-colonial cabo-verdiana. Isso se dá no final do romance, quando Luís revela a Reinaldo a compulsão de Eva ao sexo com estranhos: “Impulsos inexplicáveis levam-na a aproximar-se de homens que ocasionalmente encontra nos bares dos hotéis que frequenta, às vezes até mesmo na rua” (272). Finalmente, os dois amantes cabo-verdianos de Eva se dão conta de que Eva não contava tudo para eles, que havia um elemento de superioridade teatralizado por ela nos processos de encontros sexuais desassociados. Eva serve então como um eixo da narrativa que incorpora todos estes mitos, inclusive aquele mais genérico de identidade nacional, e que ao fazê-lo, o destrói e problematiza. Ela gosta de possuir, chegar ao êxtase sexual com estranhos e depois partir para outra conquista. Portanto, Eva e seus amantes funcionam como espelho do processo de descolonização, onde a ex-colônia tem ainda o poder da atração e a conquista, mas sem os laços e obrigações anteriores; isto a deixa ainda mais poderosa, pois fugidia, num vaivém do jogo de sedução e mistério, onde nenhum homem pode confiar na sua fidelidade completa, nem o seu próprio marido. Este aparece somente como personagem coadjuvante, revelando as tênues relações amorosas de Eva, mesmo no casamento. Já a ex-colônia precisa se separar e se opor à colônia, mas ao mesmo tempo depende dos seus laços para se manter economicamente e politicamente.

Analisando a colonização portuguesa e especialmente aquela que ocorreu em Cabo Verde onde a miscigenação teve papel importante, não é difícil ver a ligação da colonização portuguesa como uma colonização “na cama”, onde a submissão dos escravos aos portugueses, gerou uma larga população identificada como mulatos. Os cabo-verdianos também se encontram numa posição difícil perante o continente africano como um todo, pois são desassociados do continente tanto geograficamente quanto culturalmente. Assim, não é difícil ver como a personagem Eva aparece como muitas vezes representante dessa colonização, alguém que torna os homens seus

escravos sexuais. Ela transforma suas próprias ideologias ao longo de sua vida em paralelo com o processo de pós-colonização. Toma uma posição inevitável de poder no mundo capitalista globalizado da nova Cabo Verde, indo contra sua visão pseudo-comunista da sua juventude. Assim, a nova Cabo Verde, tendo Eva como representante da classe social de portugueses no topo, mantém a divisão de classes e o papel dependente de ex-colônia transformado em novo tipo de dominação e exclusão baseado em novas relações econômicas.

No entanto, seguindo os preceitos de uma narrativa pós-moderna, Eva também se mostra um personagem plural. Ter uma visão unívoca de qualquer personagem neste romance pode levar a caminhos errôneos, devido ao seu caráter tipicamente pós-moderno de negar linearidade ou autoria completa de uma voz só. According to Linda Hutcheon in *Poetics of Postmodernism*, historiographic metafiction appears to privilege . . . multiple points of view . . . or an overtly controlling narrator. In neither, however, do we find a subject confident of his/her ability to know the past with any certainty” (117). No entanto, não podemos escapar de ver as muitas ligações de Eva com esses elementos coloniais e perceber que contrários podem existir simultaneamente como forma de provocação.

O fato de Eva ser um personagem feminino também complica a interpretação, mas faz com que possamos refletir sobre a complexidade deste novo cidadão e os resquícios de uma colonização de opressão e racismo que ficam enraizados no seu âmago. Se esse personagem fosse masculino, funcionaria com mais clareza como representante do colonizador português, não exatamente por uma questão da sua cor ou mesmo de sua nacionalidade, mas pelo que ele representaria em termos ideológicos: uma visão hegemonicamente portuguesa, europeia, portanto não-africana neste contexto. O personagem masculino possivelmente criaria um binário muito mais acentuado. No entanto, neste período pós-colonial, não só os países se emancipam, como a mulher, o que não deixa de ser um elemento de possível progresso para a sociedade cabo-verdiana. Eva se emancipa da dependência ao pai e seu racismo, como se emancipa em relação ao marido economicamente e socialmente. A sua emancipação se dá em paralelo com aquela da história. Por causa da sua alienação com relação ao significado político da Revolução dos Cravos, esta significa mais uma libertação de sua posição de menina de família dependente de um homem do que a independência das nações africanas após longos anos de guerra colonial. Em contrapartida, esta emancipação só parece possível por causa da sua posição de classe média europeia, levantando a problemática da questão de gênero no Cabo Verde independente. A superioridade de Eva como mulher europeia sobre os homens de descendência africana predomina na narrativa, em oposição à qualquer menção de emancipação feminina em outras mulheres.

Neste sentido, Eva não só se posiciona superiormente em relação aos homens, como não deixa de ser objetificada, criando impressões paradoxais de que Reinaldo

(porque negros cabo-verdianos) são fracos, mas fortes (como homens) em relação a Eva, enquanto ela é fraca (como mulher), mas forte em relação a eles.

Reinaldo pensa conhecer Eva completamente quando narra sua superioridade de conhecimento e manipulação de informações ao conversar com Luís. Porém, através de suas memórias, narrativas e entrevistas, percebe que não a conhece por inteiro ou que talvez a tenha interpretado de maneira errônea. O sexo como poder tradicional de dominação do homem, forma de se ver a mulher na dicotomia de puta e santa, aparece fantasiado de neo-liberalismo, libertinagem ou a liberdade feminina em Eva. Portanto, esta hiper-sexualidade, não passa de uma forma de dominação do olhar masculino sobre o feminino (pelo menos por parte de Reinaldo). Porém, mesmo aceitando o fato de ela ser casada, ou ser livre sexualmente, eles não aceitam os seus segredos, tornando a visão da mulher submissa ou pelo menos controlada pelo olhar masculino, prevalente da parte de seus amantes e até do marido. Assim, não só o problema de raça (através do casamento com uma branca) é levantado pelo seu marido no Cabo Verde pós-independência no romance.

A questão do casamento de Eva com um cabo-verdiano negro, além de questões complexas de gênero, também traz à tona questões raciais sobre o casamento inter-racial. Há evidências na história, herança colonial novamente, de que o casamento de um negro ou mulato com uma branca ou de uma negra ou mulata com um branco, foi muito tempo uma tática de ascensão social para os ex-escravos ou afro-descendentes. Por mais que a ideologia no tempo da independência de outros países africanos tenha sido voltada ao ideal de negritude, a atração das colônias como Cabo Verde pela Europa não deixa de ter sua tremenda força como forma de ascensão ou oportunidade econômica. Mesmo os personagens que se mudam ou permanecem em Cabo Verde, pertencem e propagam uma ideologia europeia de identidade e tem dificuldade em se desvencilhar da atração da “sedutora” Europa, simbolizada por Eva.

Luís, por exemplo, acaba não voltando a Cabo Verde devido a seu passado traumático com Eva e subsequentemente ficando num lugar onde sempre se sente um estranho. Há, portanto, muitas alusões ao frio e outras citações, como quando diz que “Luís Henriques que, mesmo agora, continuava parecendo um peixe fora d’água, um homem triste e vulnerável porque não conseguia reconhecer em si próprio nenhuma identidade sobre que se afirmar”(66). Para Luís, tanto a esperança de Eva como sua mulher confidente e pupila se destrói, como a esperança de uma Cabo Verde nova, sem os grillhões da colonização.

Já a visão de Reinaldo perante à Eva espelha seu próprio desejo de imaginar um Cabo Verde idealizado. Luís revela o motivo de sua recusa ao retorno como sendo ligado a sua relação com Eva. A presença desse amor a uma portuguesa, misteriosa e nunca completamente domável, significaria para ele que o seu próprio país não o acolheria, continuando com seus elementos racistas e imperialistas e fazendo dele

um estranho, não importando onde estivesse. Luís é um personagem, que apesar da visão de Reinaldo em relação a Cabo Verde (ou pelo menos sua desejada visão), não poderia se sentir em casa em nenhum lugar. Assim, a impossibilidade de sua relação com Eva (devido aos segredos e o próprio tabu de um negro se casar com uma branca) se entrelaça com a impossibilidade de Luís reconciliar os elementos dele próprio na sua posição paradoxal de ser cabo-verdiano.

É aparente no texto que, além do personagem Eva, a estrutura do número três é usada para discutir questões de identidade e história. Saímos de um mundo bi-dimensional de interpretações dicotômicas num período colonial, para um paradigma da tríade. O feminino, por sua vez, está ligado ao indizível, este ponto que escapa ao entendimento. Então, ao mesmo tempo que Eva pode ter uma ligação direta com uma forma de neo-colonização, ela também serve para abalar idéias dominante desta ligação.

Na versão bíblica, Eva é responsável pela queda do homem do paraíso, além de ser ela mesma traioeira e ter fome de conhecimento, da fruta proibida. Ela representa o possível poder de escolha do indivíduo. Eva começa o relacionamento com Luís como pupila, mas acaba como seduzida por um mistério e perversidade além de seu controle. A descoberta de Luís de que Eva tem um encontro sexual com um amigo enquanto ele dorme, tira ele do “paraíso” do amor antes vivido, onde Eva parecia lhe contar tudo. Eva ela mesma, num paralelo com a história bíblica, cai na compulsão de repetição, na necessidade de repetir um êxtase sexual e psicológico num ciclo eterno a que é submetida após a queda do paraíso com Luís. Esta compulsão sexual funciona para Eva como uma violentação dos homens que a amam e uma capacidade de ilusão de dominação de outros. Seguindo este pensamento, o própria Cabo Verde de Reinaldo não passa de uma sociedade similar ao Brasil, onde o sexo funciona mais como uma violentação do que uma fusão com consentimento das duas partes.

É também uma sociedade onde as estruturas coloniais tanto de raça como de classe ainda funcionam, onde Eva possui sempre a última palavra e o poder (mesmo que possa ter havido um maior número de mulatos, negros e cabo-verdianos numa posição de poder após a independência). É importante ressaltar também que a questão do racismo funciona além da questão da cor, e a ilusão de dominação do outro pode tomar cores e formas diferentes, sem que a internalização da violência racista escape do inconsciente. A miscigenização em si, o discurso do mulato como bode espiatório,² servem para mascarar uma estrutura que prioriza o europeu e o branco como ideologias superiores. Reinaldo, de maneira sutil na narrativa, aponta para a Eva o racismo ou a violência da colonização portuguesa, como nas citações seguintes: “Ihe digo que são negociatas de enganar pretos em nada diferentes das que os portugueses fizeram há 500 anos atrás, ela zanga-se comigo . . .” (86), ou: “o seu palavreado a favor dos desfavorecidos para quem aliás não movimentava a ponta de um corno, dado que

todo o seu comércio era dirigido aos endinheirados da terra” (91). Luís também ressalta este fator ao descrever sua relação com Eva em Portugal, como uma vez em que brigaram e ela o humilhou em frente a um grupo de pessoas. Através de um jogo de sutileza do racismo da colonização portuguesa, descreve a fachada do cordialismo superficial entre raças, povos, classes e culturas nas ex-colônias portuguesas.

Derek Hook desenvolve a ligação do colonizador com o colonizado como uma estrutura funcional e afirma que esta objetificação e subsequente desejo de dominação do outro africano pelo europeu, por exemplo, requer uma atitude de repetição de ação, assim como as conquistas sexuais de Eva. Esta se dá, pois a diferença pode desaparecer na intimidade. Para que a diferença seja sempre reatualizada na atitude discriminatória, é necessário que haja um jogo de estranhamento constante, mas um estranhamento de prazer, onde o outro nunca fique muito íntimo, mas onde a sua diferença nunca pareça muito perigosa. Assim, para Hook, “in this line of speculation we have a narcissistic mode of racism that emphasizes the racist’s dependence on the object of their hatred” (28).

Assim, a estrutura de três sempre liderada a maior parte das vezes por Eva como eixo de rotação, serve no romance como reflexo de uma estrutura de dominação do outro como estereótipo na era pós-colonial de Cabo Verde. Ao falar de Luís para Reinaldo, este lhe diz de maneira brincalhona: “Quer dizer que a partir de agora vamos ser três em uma, tipo campo, massagem e gel! . . . nesses três, ninguém poderá dizer quem é uma coisa e quem é outra” (48). Não só os amantes de Eva (os desconhecidos com quem ela se encontra sexualmente por uma noite) como Eva são objetificados no romance. Na ilusão da fusão de três, a diferenciação de relações de poder, segredo, objetificação e fantasia predominam, mas se mascaram como jogo. Além disso, a compulsão de repetição de Eva junto ao seu negócio capitalista onde ela procura objetos de decoração para a venda, fazem parte de uma mentalidade do colonizador, onde há uma aceitação de que o outro africano / colonizado não é o mesmo europeu, mas mesmo assim podem ocupar uma posição relacional. Eva em si não tem consciência deste processo, mas a estrutura das suas relações e sua vida, assim como são narradas, refletem como num espelho, a relação entre o colonizador e o colonizado. Eva, no entanto, também é objetificada e dominada, sendo ela mulher num período da história de liminaridade, de porvir, onde a condição da mulher também está em transformação. Neste sentido, a estrutura do racismo e do preconceito, na estrutura pós-colonial, também faz dela um outro (quase o mesmo masculino, mas não exatamente, pois a diferença precisa ser sempre mantida).

Para concluir, os personagens muitas vezes parecem simbolizar a nação, o processo de construção da nação, o colonizado, um ao outro e assim vai, suscitando uma constante interrogação e uma falta de reconciliação da nação, do indivíduo e do

livro imbuídos na própria leitura. Neste sentido, Almeida expõe e brinca com o jogo de relações na era pós-colonial do indivíduo pós-moderno, transformando literatura em práxis, se criando no emaranhado da leitura, para que na confusão, se estabeleçam novos paradigmas de se pensar Cabo Verde. No entanto, ao mesmo tempo em que ele complica a visão histórica, ele demonstra a violência velada do discurso pós-colonial e a precária posição cabo-verdiana neste contexto. As ações e ramificações da personagem Eva subvertem a harmonia da ideologia de luso-tropicalismo, impedindo um entendimento coeso de alguma essência, para se criar um novo imaginário anti-colonial. Ele assim demonstra que a literatura pode servir como um mecanismo de reflexões sobre tópicos tabus como o racismo, a discriminação e a herança pós-colonial portuguesa que ainda se encontram enraizados em muitas facetas da sociedade cabo-verdiana, contribuindo para o atraso econômico e social de Cabo Verde, além de influenciar suas futuras ligações com a África e o mundo.

Notas

1 Ver *Batalha*, especialmente Capítulo 1, para uma análise mais detalhada da colonização do arquipélago.

2 Ver o conceito de mulato como bode espiatório em Degler.

Obras citadas

Almeida, Germano. *Eva*. Lisboa: Caminho, 2006.

Batalha, Luís, and Jørgen Carling. *Transnational Archipelago: Perspectives On Cape Verdean Migration and Diaspora*. Amsterdam: Amsterdam UP, 2008.

Bhabha, Homi K. *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1995.

Degler, Carl N. *Neither Black nor White: Slavery and Race Relations in Brazil and the United States*. Madison: U of Wisconsin P, 1971.

Freyre, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. São Paulo: Global Editora, 2005.

———. *Integração Portuguesa nos Trópicos*. Lisboa: Juntas de Investigações do Ultramar, 1958. *Estudos de Ciências Políticas e Sociais* 6.

Hook, Derek. "The Racial Stereotype, Colonial Discourse, Fetishism, and Racism". *The Psychoanalytical Review* 92.5 (2005): 701–34.

Hutcheon, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York: Routledge, 1988.

Kalua, Fetson. "Homi Bhabha's Third Space and African Identity." *Journal of African Cultural Studies* 21.1 (2009): 23–32.